

Forchetti, Daniella. **A Presença do Diferente: e por que não dizer que não falei das flores**. Campinas: UNICAMP. Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena – IA – UNICAMP; Doutorado. Orientador: Ana Terra. Performer e Audiodescritora.

### RESUMO

O presente artigo pretende fazer uma reflexão sobre a presença da pessoa com deficiência em espaços públicos e acadêmicos. Convidar o leitor a entrar em contato com diferentes formas de conteúdo, seja ele poético ou informativo. Atravessar o tema presença sobre a ótica do diferente. Trazer exemplos do que se tem feito dentro da Universidade de Campinas para acolher a presença do estudante com deficiência.

**Palavras-Chave:** Presença, Deficiência, Performance, Vandr , Unicamp.

### ABSTRACT

The present article intends to reflect on the presence of the disabled person in public and academic spaces. Invite the reader to come into contact with different forms of content, be it poetic or informative. Cross the theme presence on the optics of the different. Bring examples of what has been done inside the University of Campinas to receive the presence of students with disabilities.

**KeyWords:** Presence, Disability, Performance, Vandré, Unicamp.

De olhos vendados caminho. Pelo espaço me lanço, sem medo, sem tempo, sem dire o. Desbravo o ambiente   minha volta. Esbarro, contorno, espreito cada canto. No encantamento de descobrir quem eu sou. Ofereço meu corpo ao espaço, com o contato me moldo. Corporeifico a experiência com o ambiente habitado.

Cada peça e situa o criam um sentido. Movida pela respira o, pela pele, por meu ouvido. Sou atravessada pelos sentidos. Internos e externos. A experiência compartilhada   um tema gerador. O que vem de dentro já não me pertence. Presentifico as imagens e abro mão dos sentidos. Um corpo poético atravessando o espaço.

A performance de olhos vendados, presentifica a cegueira, mas ao mesmo tempo, agu a a audi o, a percep o tátil e a propriocep o. A temperatura, as texturas se presentificam com mais intensidade.





Figura 1. Vídeo-Dança Evidência: Poesia em Movimento.

Link: <https://youtu.be/9T4PjY8z4VY>

Descrição da Foto: Daniella do tronco para cima, com os olhos vendados, dança. Ela tem pele branca, cabelos longos castanhos presos para atrás. Usa uma camiseta branca de um ombro só com babados. O braço direito aparece parcialmente. Está dobrado acima da cabeça, a mão em movimento está borrada. O braço esquerdo estendido ao lado. O fundo é preto.

A presença do diferente em nossa sociedade nos remete ao lugar de estranhamento, da perda. Seja ela parcial ou total, os órgãos do sentido trabalham em conjunto, criando novas possibilidades para se desenvolverem cada vez mais. Se temos um ambiente preparado para receber à todos, a desigualdade diminui e criamos uma situação de igualdade de condições. Quando pensamos num desenho universal, em que todos são privilegiados em suas necessidades, não há espaço para a desvantagem ou limitação.

Dizemos que o cego está privado da visão porque o imaginamos facilmente como vidente, seja porque o comparamos com outros videntes, seja porque comparamos seu estado presente com seu estado passado. Afirmamos, então, que a visão pertence à sua natureza e que por isso está privado dela. Mas, se considerarmos o decreto de Deus e a natureza desse decreto, não podemos mais afirmar que esse homem está privado da visão, assim como não podemos dizê-lo a respeito de uma pedra, pois nesse momento seria tão contraditório que a visão lhe pertencesse como seria contraditório que pertencesse à pedra, porque nada pertence a esse homem, nem pode ser considerado seu a não ser aquilo que o intelecto e a vontade de Deus lhe atribuíram. (ESPINOSA, 1983, p. 378).

Ao deixarmos nos afetar pelas palavras de Espinosa, bebemos de uma fonte que nos envolve com a questão de que não existe perda na ausência de visão, mas um modo de existir diferente. Esse novo paradigma nos apresenta uma nova visão de humano, daquele que não é representado por sua deficiência mas por suas singularidades.

Transpondo essa realidade para uma política democrática e multicultural, pensemos como levar uma proposição que seja um facilitador da fruição da arte para todos? Proponho uma abordagem multissensorial no campo das artes, que possibilita uma nova forma de intervenção no mundo, que abre espaço para todos

os públicos e, possibilita que venham e sintam-se acolhidos, procurando eliminar qualquer forma de barreira (física, sensorial, comunicacional e atitudinal) para permitir o acesso de todos.

Seguindo a poética construída pelo compositor Vandr , "caminhando e cantando e seguindo a can o. Somos todos iguais, braços dados ou não", devemos iniciar possibilitando que todos exerçam seu direito de ir e vir. Não   surpresa que observamos um número menor de pessoas com deficiência nas ruas muitas vezes pela dificuldade de deslocamento e por nossos transportes públicos estarem aquém de nossas necessidades. Também   importante lembrar que os transportes adaptados e locais destinados às pessoas com deficiência são compartilhados por idosos, gestante e pessoas com crianças de colo. Temos também serviços especializados em transporte público para pessoas com deficiência física, mas ainda limitados   consultas e com agendamentos prévios, não abarcando muitas vezes espaço para atividades culturais.

Para que as pessoas com deficiência apareçam elas tem que ter condi oes de transitar nas ruas. Assim, a medida que a sociedade convive, veremos as necessidades que teremos para criar espaços de maior qualidade, sempre pensando que o desenho universal   o que temos de melhor referência nos dias de hoje.

Podemos reconhecer a presença quando temos condi o de circular, conviver, nos apropriar dos espaços. "Nas escolas, nas ruas, campos, construçoes..." Sim, precisamos falar muito mais sobre isso, a presentifica o das pessoas com deficiência. Da mesma forma que as ruas são de responsabilidade atualmente do poder público,   do privado a responsabilidade de manuten o de suas calçadas. E muitas vezes, essas calçadas são o pior exemplo. As poucas áreas de rebaixamento são voltadas para o uso dos carros e suas garagens. Não há planejamento com o uso do piso podotátil, por exemplo, para auxiliar pessoas com deficiência visual. Não há marca oes envolta de árvores, postes e orelhões que permitam o deslocamento mais seguro. Devemos pensar que no lugar que passa um carrinho de beb , passa uma cadeira de rodas, que também favorece a locomo o de pessoas com mobilidade reduzida. Uma cadeia de beneficiários, de beb s a idosos, mobilizando o bem estar em todas as fases da vida, que todos nós esperamos fazer parte.

As escolas, com a obrigatoriedade da política de inclusão estão distantes de uma qualidade para todos. Não basta a presença da pessoa com deficiência para garantir sua verdadeira participa o. Os professores reclamam estarem despreparados e sem estrutura para receber os alunos. Em classes já superlotadas, a inviabilidade   para todos. Temos um abismo   nossa frente. Sim,   possível construir pontes, com diálogo. Muitas vezes pais de pessoas com deficiência ficam   merce de uma socializa o de seu filho como sendo o único papel que a escola consegue oferecer atualmente. A educa o propriamente dita está distante das necessidades dos estudantes, com uma política excludente. Por muito tempo o conhecimento circulou apenas na forma o de professores de escolas especiais e de salas de recurso. Não pensaram numa inclusão progressiva.

Pensando na autonomia através da emancipa o humana, o educador Paulo Freire nos apresenta o respeito a individualidade que deveria permear a educa o escolar. A  tica permeando nossas rela oes. O educador ser "a

corporeificação da palavra pelo exemplo”. No que ele acredita e prega, o corpo fala e entrega suas verdades. O dia-a-dia ensina com seus exemplos.

O reconhecimento da presença da pessoa com deficiência deveria ser mais um lugar dentro de uma sociedade construída na valorização da diversidade. Fugimos do termo normal e patológico, mas nos ancoramos com a terminologia funcional e disfuncional nos dias de hoje. Infelizmente, continuam perpetuando um olhar de uma medicina arcaica, para permear nossas relações humanas. As universidades são um reflexo disso. Por conta de uma política de cotas muitas pessoas negras estão ocupando um espaço dentro de universidades públicas que eram ocupados por estudantes vindos de escolas particulares. Os estudantes com deficiência também passam por esse momento de transição.

As universidades deveriam manter uma política de inclusão que presa pela adaptação arquitetônica, com rampas, elevadores e banheiros adaptados; oferecer intérprete de Libras (Língua Brasileira de Sinais) para os surdos, audiodescrição e braille para as pessoas com deficiência visual, motivando recursos de acessibilidade comunicacional ajustados para as necessidades de todos. Mas infelizmente o mais difícil são as mudanças atitudinais. Essa é a maior barreira entre as relações humanas. Ela impede olhar o outro com respeito as diferenças. O invisível e o silêncio diz muito! A proporção de estudantes, professores e funcionários com deficiência em nossas universidades ainda é muito pequena.

Exemplos como o Laboratório de Acessibilidade, na Biblioteca Central da UNICAMP proporcionam um espaço de mediação das necessidades acadêmicas apresentadas pelos estudantes e as políticas universitárias vigentes. Dispõe de serviços com o uso de tecnologias de informação e comunicação, adequando as necessidades educacionais especiais dos estudantes com deficiência, garantindo maior autonomia e independência. Outro local é a Central de Tradutores e Intérpretes de Libras da Pró-Reitoria da UNICAMP. Vem desempenhando esse importante papel para vencer as barreiras de acessibilidade comunicacional, dando suporte aos alunos surdos tanto da graduação quanto da pós-graduação. Bons exemplos do que é possível fazer para reverberar a acessibilidade como condição de equiparidade.

Temos ainda um longo caminho à trilhar. Cinquenta anos se passaram desde que Vandré deu seu primeiro acorde. Um acorde de alerta, que deveria despertar à todos pela presença daqueles que partiam por um dia terem apenas pensado diferente.

“Caminhando e cantando e seguindo a canção  
Aprendendo e ensinando uma nova lição  
Vem, vamos embora, que esperar não é saber  
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.”  
(Geraldo Vandré, 1968)

## Referências Bibliográficas

CALDAS, P. *Derivas Críticas*. Temas para Danças Brasileiras. SESC Edições, 2010.  
ESPINOSA, B. *Ética*. Abril Cultural. São Paulo. 1983.



FORCHETTI, D. *A Moça de Di Cavalcanti: diálogos intersemióticos entre pintura, dança e audiodescrição, corporificando as palavras para o público surdocego*. Acessibilidade Audiovisual. Canal 6 Editora, 2017.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

TOJAL, A.P.da.F. *Museu de arte e público especial*. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. Cap. I.

